

22 AGO 1993

A aprovação da nova política salarial pelo Congresso Nacional implicou fatos lamentáveis. Independentemente de qualquer juízo sobre a decisão tomada em plenário, as cenas de constrangimento explícito a que foram submetidos deputados e senadores não podem e não devem ser esquecidas. As galerias estavam ocupadas por militantes da Central Única dos Trabalhadores (CUT). Todo voto contrário era recebido com apupos ensurdecedores. A partir do momento em que se definiu a vitória do governo, moedas e notas cobriram os parlamentares. Indistintamente. Os que apoiaram a vontade cutista como os que votaram contra receberam a sua dose de humilhação como pena pelo exercício do direito de votar conforme suas convicções.

Alguns parlamentares assustaram-se com a violência. O senador Jarbas Passarinho, depois de definir tanto os atacantes pelo que eram, "fascistas vermelhos", quanto de notar sua "incapacidade de conviver com a democracia", foi contrário, porém, a qualquer medida que evitasse o acesso popular às galerias. Esse é o ponto. Tantas foram as usurpações à participação popular em decisões políticas que mesmo um experiente congressista preocupado com a violência não admite qualquer tipo de limitação ao direito de participar. Não resta dúvida de que tal direito devia ser preservado. Respeitado é claro o jogo democrático. A questão é de definir, com toda nitidez e transparência, quem está violando esse mesmo jogo.

É um fato que esse comporta-

mento absurdo das galerias tem sido admitido há muito no Congresso. Como reconheceu o senador Pedro Simon, "desde os tempos da ditadura" — frase que expõe uma certa contradição do senador gaúcho porque qualquer ditadura que se preze não admite Congresso e muito menos manifestações grosseiras em suas sessões. A maioria dos congressistas reconhece o risco nos "excessos das galerias" — inclusive o senador

Eduardo Suplicy —, mas teme confundir sua prudência democrática com opção autoritária. Enquanto isso, sucedem-se as cenas deploráveis.

Como estamos nas vésperas de polêmicas decisões, em especial na perspectiva da revisão constitucional, algum tipo de solução precisa ser encaminhado que respeite tanto o direito popular de acesso às galerias como o direito de voto, sem coação, dos congressistas.

A responsabilidade pelo encaminhamento da solução é da direção das duas Casas. A célebre proposta da distribuição de credenciais, conforme o tamanho das bancadas, já provou sua ineeficiência. As presidências do Senado e da Câmara esperam que tipo de escalada da violência para encontrar alguma solução?

**Cada congressista
foi humilhado e
agredido pelas
galerias que não
conhecem o jogo
democrático**

O último faroeste

O Brasil vai entrar no século 21 como cenário do último faroeste: leis que não se cumprem, Justiça que não funciona, réus que não são presos, massacres de crianças e índios. A pesquisadora francesa Dreyfus Simone Gamellon, sobre o massacre dos ianomâmis, diz: "É preciso um poder central mais forte que o poder local, e um poder civil mais forte que o poder militar, para que cessem tais massacres." E acrescenta: "O estado de direito no Brasil não parece suficiente para que as leis existentes sejam corretamente aplicadas." São assertivas válidas para todo o Brasil. No Primeiro Mundo não entendem como um país estruturado há séculos não consegue fazer cumprir suas leis. Alguém consegue explicar? Sebastião Cézar Pereira, Capital

Perigo asiático

Na questão da Amazônia, é preciso não esquecer que os EUA são nossos tradicionais aliados, irmãos na luta contra o nazi-fascismo. Mais perigosa pode ser a abertura de uma estrada que, atravessando os Andes, desborde sobre o Pacífico, permitindo acesso a potências orientais, asiáticas, com vasta experiência de ocupação humana em selvas tropicais. Sugiro menos açodamento por parte de lutas ecológicas, sapos barbudos, etc. Paulo D. Ramos, Lages (SC)

Jurássico

Curioso como entidades que demagogicamente se dizem defensoras dos interesses dos trabalhadores lhes negam a vontade. Segundo pesquisas, 85% dos empregados da Cosipa são a favor da privatização. No entanto, entidades como CGT, MR-8, UNE e Ubes comparecem à Bolsa de Valores para a tradicional arruaça, que sempre resulta em feridos e depredação. Precisamos banir esse deturpado sindicalismo, assim como o dirigismo de esquerda que apodrece a UNE. Que futuro esses indivíduos esperam? Uma nação nos moldes estatais do modelo cubano, presidido por um ex-sindicalista deslumbrado com o luxo e os charutos de Fidel, sustentado pelo imposto sindical pago pelos trabalhadores e gentilmente repassado a alguns sindicatos para fins políticos? Esta é a nova realidade brasileira, um novo molde para a defesa dos trabalhadores e dos estudantes: o Jurassic Park nacional. José Eduardo Ribeiro Brazuna, Capital

Sucessão presidencial

Vi o resultado da pesquisa do Ibope sobre os candidatos à Presidência: Lula, Sarney, Maluf, Brizola... Continuo com a



sensação de que a melhor saída ainda é o aeroporto. Mônica Gasparini, Capital

No cenário político brasileiro, atores horripilantes ressuscitam das tumbas (Maluf, generais da ditadura). Será que esses extermínadores do futuro querem que nosso povo continue

comendo o pão que o diabo amassou? Luiz Nunes de Almeida, Capital

Somos todos vítimas

Justa e santa a cólera do dr. Raul Marino Jr. em desabafo comovente (*Somos todos assassinos*, 20/8). Meu filho também é médico e eu sei, por ele, quantas verdades disse o dr. Marino. Somos todos vítimas, doutor, não assassinos. Assassinas e assassinos são as instituições e os políticos, os governos, os administradores (uma minoria, se quantificados) que nos enrolam, de um lado, e de outro armam esquemas para interceptar todo o PIB que a Nação produz. Fica mais ou menos implícito no artigo que a solução estaria na via eleitoral. Eu já acreditei nisso, mas os políticos encontraram maneira de iludir a boa-fé do eleitor — que, por seu lado, briga por uma escalada futebolística, mas não se interessa pela política, que é de onde lhe vêm todos os bens e todos os males.

Hoje, devido às distorções, aos esquemas de bastidores, à divisão que fazem dos cargos, à troca de privilégios, só acredito na sublevação. Como pode uma população acuada, maltratada, explorada, resistir por mais tempo? Só espero poder ver isso com meus próprios olhos, há muito espantados e revoltados de só verem o lado cruel da realidade. Luiz Taddeo, Capital

O triste, cruel e advertente, mas verdadeiro, corajoso, humano e realmente cristão artigo do professor Raul Marino Jr. deve ser lido e meditado por todos. Eleitor em São Paulo, requeiro que os presidentes do Senado, da Câmara dos Deputados, da Assembléia Legislativa paulista e da Câmara Municipal paulistana providenciem a leitura do antológico artigo em plenário (fora do pinga-fogó, quando não há almas vivas nos plenários) e determinem sua inscrição nos anais de cada Casa legislativa. A Casa Civil da Presidência deve mandar reproduzi-lo para informar os altos escalões da República. João Alfredo Mendes Filho, Capital

■ *As cartas devem ser encaminhadas ao diretor de Redação do Estado, Avenida Engº Caetano Álvares, 55, 6º andar, CEP 02598-900, ou pelo fax (011) 856 2941, com assinatura, identificação e endereço do remetente, e poderão ser resumidas.*